

JAZZ

17 MARÇO 2018

CICLO "ISTO É JAZZ?"

COMISSÁRIO: PEDRO COSTA

Hang Em High

Tres Testosterones

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Baixo elétrico de 2 cordas e live electronics Bond

Clarinete baixo e contrabaixo Lucien Dubuis

Bateria e junk percussion Alfred Vogel

Sáb 17 de março

21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M6

Suaves explosões

Quando no campo do jazz, ou daquela música a que vamos chamando jazz porque é esse o maior referente histórico, se trabalha especialmente o conceito que está por detrás da prática, há tendência para um certo intelectualismo, podendo essa tônica ir para os casos extremos de um Ornette Coleman com o seu harmolodismo ou de um Anthony Braxton com o pensamento “tricêntrico”. Não é isso o que se passa com os Hang Em High, que à teoria preferem a fabricação de uma imagem, substituindo a explicação dos procedimentos aplicados ao que se assemelha muito com uma estratégia de *marketing*, nisso mais coincidindo com John Zorn. Em concordância, e antes mesmo que a imprensa especializada o fizesse, foram eles que avançaram com alguns rótulos para a fórmula musical que vêm apresentando, como *power jazz* ou *jazzcore*. Mas apenas para lançar a confusão, porque os seus discos e os seus concertos não condizem com essas tendências. É a partir desta ambiguidade que estabelecem o pouco discurso que vai acompanhando a música: «Chamem a isto low-western-rock-jazz-punk eletrónico e ambiental, que nós chamamos-lhe Hang Em High.» Bond, o baixista polaco da banda e seu mentor, elucida a opção, como não podia deixar de ser, com apenas meia dúzia de palavras: «Temos uma atitude “faz a tua própria cena”. Dizemos “este é o nosso som, gostes ou não”, mas claro que preferimos que as pessoas gostem.»

O dito Bond (sem James ou outro primeiro nome colocado antes) e os

seus cúmplices, o suíço Lucien Dubuis e o austríaco Alfred Vogel, não facilitam as coisas no momento de se darem a apreciar, inclusive gerindo um muito curioso processo de... auto-sabotagem. Num período em que se coloca em causa a dominação masculina do jazz (veja-se o recente caso da campanha We Have Voice, contra a discriminação das mulheres e das pessoas LGBT e não-binárias nesta área) ei-los que se apresentam como um grupo de *bad boys* machões, utilizando para tal uma iconografia que vem diretamente do country & western e do rock mais campesino e *red neck*. O último álbum do trio tem como título *Tres Testosterones* (2017), numa aparente exaltação dos valores patriarcais que a pose dos músicos nas fotos confirma, mas assim como o conteúdo do CD não reproduz a virilidade agressiva que o *jazzcore* tem, percebemos que há algo mais nesta pseudo-marketização de produto: uma construção toda ela feita de ironia e cinismo, ao arrepio do que vai sendo tomado por estes dias como “politicamente correto”. O certo é que o estilo Hang Em High prefere as (femininas?) virtudes da nuance e do detalhe à muscularidade de um *riff* (motivo rítmico repetitivo) na boa tradição dos Led Zeppelin e dos Black Sabbath. Quanto a isto, porém, Bond também é evasivo e um tudo nada provocatório: «Com tanta testosterona na banda achámos que era um título engraçado. Construímos toda uma história para a capa, uma sessão de fotografia, etc. E lançámos uma edição limitada em vinil com uma embalagem especial, feita à mão com couro genuíno. Elas adoram!»

Menos dúvida será esta sua outra afirmação: «Os Hang Em High criam música que sentimos ser a certa para nós. Não nos focamos em nenhuma corrente. É bom misturar ideias fixas, como a energia punk e um lado romântico. Sim, nós somos românticos.» Na boa tradição dos Zeppelin e dos Sabbath, leram vocês em cima? Pois não será bem assim. A grande referência desta formação está num outro grupo de rock que teve existência recente: Morphine. A inspiração no infelizmente já desaparecido Mark Sandman é óbvia logo numa audição superficial dos temas e Bond, tal como a figura que o influenciou, utiliza um baixo munido apenas de duas cordas e tocado com *slide*. «Queremos experimentar tal como o Mark fazia. Quando nos apresentámos como Hang Em High há cinco anos, foi com uma homenagem aos Morphine, tocando as suas canções com uma grande quantidade de convidados. Depois, lançámos o nosso primeiro álbum enquanto trio. Pretendemos que ficasse claro que os Hang Em High não são uma banda de tributo, mas ainda assim as pessoas dizem que somos os Morphine “sob o efeito de cogumelos”. O que até achamos muito *cool*. No nosso segundo disco, *Beef 'n' Bottle*, usei afinações diferentes e outras técnicas e no *Tres Testosterones* o Lucien largou o saxofone tenor, fixando-se nos clarinetes baixo e contrabaixo. Estou a utilizar muito mais a eletrónica, pelo que o nosso som é agora mais complexo e mais distante do dos Morphine.»

Temos, então, um projeto de jazz que toca o rock de um grupo que era

especialmente influenciado pelo jazz, numa espécie de pescadinha idiomática de rabo na boca que acrescenta fatores da folk americana e recupera o imaginário das personagens de *cowboy* encarnadas por Clint Eastwood e John Wayne – nesse particular alinhando-se com outros salta-pocinhas europeus que o estão a fazer, como Huntsville, Ballrogg, Starlite Motel e Lucía Martínez & The Fearless. Queriam que Bond elaborasse alguma reflexão musicológica à volta da questão? Pois desenganem-se: «Muitos dos músicos que conheço ouvem vários tipos de música e procuram as mais diversas fontes de motivação, e isso é bom. Atravessar os estilos pode conduzir a um outro tipo de música. Acontece inconscientemente. Repara: eu não estava ciente de que nos íamos aproximando do free jazz até me aperceber que toco com gajos que gostam de free jazz. Fui com a corrente. Trata-se de respeito mútuo e de nos abirmos às coisas que nos surgem pelo caminho.» Sim, os Hang Em High são como uma releitura free jazz dos Morphine, se é que há um free jazz que seja punk. Mas até neste aspeto estamos longe de abarcar tudo o que vem no caudal. Deve-se a quê, o ambientalismo experimental que por vezes emerge? Bond não abre o jogo, mas está subjacente: deve-se simplesmente ao facto de que é possível e de que é divertido. E porquê as fantasmizações operadas pelo filme western de 1968 que repetem como nome, e que teve Eastwood, precisamente, no topo do elenco? Bom, porque vingou a identificação da masculinidade com um duralço que se desloca a

cavalo de *colt* à cintura, mas igualmente porque sabemos que esta é uma imagem cinematográfica, uma mistificação. Estamos então perante uma encenação virtual, ilusionística, dos limites da masculinidade? É o que se pode concluir, mas sobre isso Bond comenta nada, deixando-nos as interpretações.

Seja como for, estes três músicos desviaram-se dos seus caminhos com o presente investimento porque acharam que valia a pena. Com os Milooopa e a Eklektik Orchestra, Bond impôs-se como o equivalente de Bill Laswell na Europa no que respeita às investigações em curso das propriedades dos baixos profundos. Um baixo elétrico de duas cordas não tem muitos graves, como ele próprio reconhece, posicionando-se no limiar da sonoridade de uma guitarra, mas o que podia explorar neste domínio interessou-lhe suficientemente para uma dedicação. Dubuis vem de colaborações que foram de Daniel Humair a Marc Ribot, esticando de modos inauditos os parâmetros do jazz, do rock e das distâncias ou vizinhanças entre ambos e preocupando-o, acima de tudo, dar mais mobilidade aos dois espécimes graves da família do clarinete. Pelo seu lado, Vogel vem impondo uma outra maneira de entender o papel da bateria no jazz, e nesta dos agudos providenciados por pratos e extensões metálicas, o que conduziu ao seu celebrado duo com o saxofonista Mats Gustafsson, Blow + Beat. Ainda assim, a música dos Hang Em High tem o centro de gravidade bastante descido, com os clarinetes de Dubuis, e sobretudo o contrabaixo (que tem «um *bottom end* impressio-

nante», segundo Bond), a reforçarem a profundidade dos harmónicos e dos *riffs*. «Quando começámos queria que a música tivesse um carácter acústico, pois estava cansado de carregar com pedaleiras. Falhei esse propósito: estou a usar muitos efeitos, ainda que nas improvisações ao vivo estes sejam introduzidos, sobretudo, através da manipulação de botões. O Lucien também recorre a processamentos e a *delays*, de forma muito interessante. Já o Alfred é um exclusivo investigador das capacidades acústicas da percussão e o facto de juntar objetos estranhos ao normal *kit* traz cores diferentes à nossa música. É completamente maluco, e nós temos de acautelar as cabeças quando as latas e as painéis voam à nossa volta», acrescenta.

No falso power jazz dos Hang Em High há um outro fator importante: a melodia. Refere Bond: «É bom termos melodias nos temas. E prefiro ter estruturas, composições, do que partir do nada. A nossa música é construída à volta de refrões. Desenvolvemos as peças de maneira diferente de cada vez que as executamos. Dar algum ar à música só pode ser positivo e arriscarmo-nos é sempre excitante.» E não se pense que neste enquadramento melódico o trabalho de Lucien Dubuis consiste apenas na cobertura do que fazia Dana Colley com o saxofone barítono e da voz de Sandman... «Os solos do Lucien podem ser tão livres quanto melódicos – habitualmente, ele posiciona-se no topo dos *riffs*, mas também cria texturas», salienta Bond e nós poderemos verificar *in loco*. Qual

é o objetivo? Não será propriamente encontrar os Morphine num território que está para além dos ditos, mas não é igualmente levar os Morphine mais longe, numa espécie de titilação do que possa ter estado implícito na obra-prima *Cure for Pain*, de 1993. A bem dizer, os Morphine que subsistem nos Hang Em High são um rastilho para outras explosões. Intensas e inquietantes, sem dúvida, mas mais suaves do que qualquer coisa que tenham realizado os Painkiller, os Zu, os Flying Luttenbachers ou os Ruins. Escutemos como...

Rui Eduardo Paes
Ensaísta, crítico de música,
editor da revista *online jazz.pt*

Bond

Com um estilo muito próprio de tocar a guitarra baixo e uma apetência pelos sons subgraves bastante diferente daquela que nos chega de Bill Laswell, o polaco Bond é o líder do grupo de pop indie Miloopa e também da Eklektik Orchestra. A redução do número de cordas do seu instrumento a apenas duas tem inspiração em Mark Sandman, dos Morphine, datando de 2013.

Lucien Dubuis

Sobre o clarinetista e saxofonista suíço Lucien Dubuis já se disse que é o resultado da combinação de John Coltrane com Beastie Boys, o que significa que as suas raízes na linguagem do jazz não são exclusivas nem determinantes, ao contrário do que se espera de quem toca instrumentos de sopro. Ainda assim, são músicos dos vários jazzes que o chamam, de Daniel Humair a Hans Koch ou de Richie Beirach a Barry Guy.

Alfred Vogel

Figura omnipresente da cena austríaca, e cobrindo um vasto leque de tendências que vai da canção (é o produtor de Harry Marte e Chris Dahlgren) ao free jazz (duo com Mats Gustafsson), o austríaco Alfred Vogel está envolvido numa série de projetos, como Die Glorreichen Sieben, KDR Society e grupos dirigidos por Hendrix Ackle, Peter Madsen e Christy Doran, para além de ser o responsável da editora Boomslang Records.

Próximo espetáculo

MDLSX

de Motus

Teatro Sáb 17, dom 18 de março

Palco do Grande Auditório · 21h30 (dom 17h)

Duração: 1h20 · M16



© Nada Zgank

Para o *New York Times*, a performer Silvia Calderoni “deve ser feita de mercúrio, ou algum elemento líquido improvável que ainda não foi descoberto”. Vem pela primeira vez a Lisboa esta fundamental companhia italiana, com uma “performance-monstra” que é um dispositivo sonoro explosivo, um hino alucinogénio e solitário à liberdade de tornar-se.

Próximo espetáculo de música

Lucia Cadotsch

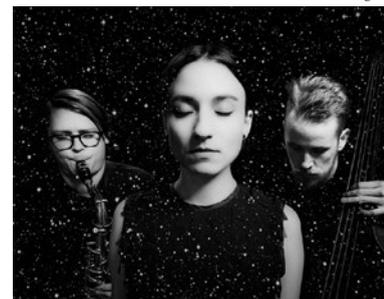
Speak Low

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa

Jazz Qui 5 de abril

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M6



© Michael Jungblut

O grupo chama ao que faz de «retro-futurismo acústico» e dedica-se à interpretação dos velhos *standards* do jazz, mas em vez de o fazer passivamente, desmembra-os e apresenta-os de forma diferente, pop, mas sofisticada.

Conselho Diretivo

Presidente

Paulo Moita de Macedo

Administradores

José Ramalho (Direção Executiva)

Mark Deputter (Direção Artística)

Assessores

Delfim Sardo (Artes Visuais)

Pedro Santos (Música)

Liliana Coutinho (Debate
e encontros)

Francisco Frazão (assessor Teatro
temporada 2017-2018)

Gil Mendo (assessor Dança
temporada 2017-2018)

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos
(coordenadora)

João Belo

Helena Salgueiro (estagiária)

Tatiana São (estagiária)

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Adriana Mestre (estagiária)

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Publicações

Maria João Santos

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona
(coordenadora)

Patricia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Nina Ferreira
(coordenadora)

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

José Rui Silva

Direção de Cena

José Manuel Rodrigues

Técnicos Audiovisuais

Américo Firmino (coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico de palco

Vasco Branco

Frente de Casa e Bilheteira

Rute Sousa (coordenadora)

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Miguel Caissotti (conservador)

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Jennifer do Coito (estagiária)

Carolina Machado (estagiária)

Edifício Sede da Caixa Geral de
Depósitos · Rua Arco do Cego nº50,
1000-300 Lisboa · 21 790 51 55
www.culturgest.pt